

## Vamos ler no evangelho de Mateus, capítulo 4, versos 8 a 11...

*“Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto. Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.”*

Esse é o finalzinho da história das tentações explícitas de Jesus. Digo explícitas porque as tentações narradas neste contexto obviamente não são todas as tentações de Jesus, mas são aquelas que fazem uma síntese conceitual e filosófica de modo a abrangerem tudo aquilo que está na causa de todas as tentações, a saber: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida. Concupiscência da carne: transforma estas pedras em pães, porque estás com fome. Concupiscência dos olhos: atira-te daqui abaixo, porque os anjos farão uma espetacularidade tão maravilhosa que todos os que virem saberão, pelo *showcase* da tua manifestação, que tu és o *cirque du soleil* da eternidade na Terra, no mínimo. E soberba da vida, que tem a ver com mostrar todos os reinos, todos os poderes e dizer: tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.

Então, nestas três tentações estão as bases para todas as demais variáveis de tentações humanas; todas elas se vinculam a essa gênese, a essa raiz tríplice da manifestação do nosso ser respondendo de maneira cobiçosa à concupiscência da carne, à concupiscência dos olhos e à soberba da vida, que são o que constitui a natureza, a estrutura sistêmica do mundo, e são o que

constitui a dimensão caída do nosso ser, que se deixa tomar por esses estímulos que em nós se veiculam e se expressam como aquilo que é o retorno do desejo que brota de maneira imanente da nossa carne. E por “carne” não se está falando de corpo, se está falando do ser que se animaliza na direção predadora ao invés de se levantar e se elevar na direção de transcender e de se tornar conforme o seu chamado original para ser; concupiscência dos olhos, na mesma perspectiva, se fala daquilo que nossas mentes e corações cobiçam. E soberba da vida, que é o nosso surto, a nossa síndrome de Lúcifer, o nosso desejo de irmos para além daquilo que seja humano e que seja o limite natural da nossa existência. Essas três coisas são o que habita a realidade de todas as nossas tentações nesta vida; todas têm como pilares essas designações, essas presenças, essas caracterizações de quem nós somos e cercados pelo que nós estamos, na troca adoecida que se relaciona à nossa tentação.

E aqui no texto se diz que após provar essas tentações Jesus enfrentou o diabo na última expressão dessa confrontação, quando todos os poderes do mundo lhe foram oferecidos de maneira instantânea – coisa de diabo, golpe de Estado, mágica,

manipulação, persuasão de despotismo mental, enveredamento, encurralamento, controle, poder. Assim age o diabo, assim agimos nós, na maioria das vezes. E depois que tudo aquilo lhe foi oferecido, Jesus disse: Não! Eu farei o caminho do amor, eu farei o caminho da sutileza, eu farei o caminho da consciência, eu farei o caminho da verdade, da vida, eu farei o caminho da compaixão, da misericórdia, eu vencerei pelo bem e não pelo mal, um dia depois do outro, uma era depois da outra; eu não farei mágica, não aceitarei feitiço, não aceitarei manipulação, jamais exercerei controle; a liberdade das consciências tem de se manifestar, o amor de Deus tem de ser a escolha das consciências e não um estupro divino; não! E concluiu dizendo: Arreda, Satanás, não tentarás ao Senhor, teu Deus! E, então, se diz: “Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram”. Este é o contexto.

“Com isto o deixou o diabo, e vieram os anjos e o serviram”. É absolutamente importante para cada um de nós o crermos, o sabermos e o admitirmos que o mal existe. Se você não quiser pensar no mal a partir da ideia da pessoalização dele (pessoalização limitada, pessoalização finita, pessoalização criaturizada no diabo), ao menos olhe para você mesmo, para você mesma, e veja se não existe muito mal dentro de você. Eu não consigo entender a falta de honestidade daqueles que dizem que não acreditam num mal pessoal. Quando me dizem isso, eu pergunto: Você está me dizendo que não acredita no diabo? Em geral eles me respondem que sim. E eu torno a perguntar: Mas como é que você não vai acreditar no mal pessoal se você está aqui?! Você está aqui, você não é uma pessoa? Olhe para dentro do seu coração e você vai ver como o mal é pessoal a partir da sua pessoa. Mas é uma

falta de verdade com a própria natureza do ser, com os egoísmos, com os pensamentos, com as cogitações, com as elucubrações, com as maquinações, com as fantasias, com as nossas construções, com o nosso falar conosco mesmos, com o nosso ranger de dentes em determinados momentos, com a nossa discussão interior em relação a frequentemente termos de nos calar – quando se tem um nível de consciência capaz de combater a si mesma, mas tendo que nos calar meio à força, do contrário o mal galopa de dentro de nós; em outras ocasiões a gente deixa a porteira aberta e saem todas as bestas-feras de dentro de nós e elas vão se materializando em relacionamentos, em atitudes, em falas, em posturas, em comportamentos, em agressões, em relacionamentos entorpecidos, adoecidos; e que voltam para nós mesmos, alimentando continuamente o processo de crescimento disso na nossa interioridade, porque é do nosso coração que procedem os maus desígnios. Então, se você não quiser encarar o mal em nenhuma perspectiva, pelo amor de Deus seja honesto e honesta o suficiente para encará-lo a partir de você, e dos seus pensamentos, e das suas cogitações, e das suas motivações, que existem em abundância infinitamente maior do que aquilo que se expressa nas suas ações do lado de fora. Então, ainda que nós não expressemos do lado de fora, mas se concebemos no coração existe uma instalação, em estado de fomento, de algo que é inevitavelmente perverso crescendo dentro de nós.

Mas para além de mim, que sou mau, existe também o diabo. Jesus disse que eu sou mau, e apesar de ser mau sei dar boas dádivas aos meus filhos, pois eles não me pedem um pão que eu lhes dê uma pedra, não me pedem um ovo que eu lhes dê uma

serpente, não me pedem qualquer coisa que, sendo uma necessidade deles, aponte na direção da vida, que a minha contribuição seja com o envenenamento deles; ao contrário, eu faço a eles o que é bem e bom. E Jesus disse: Se vocês, sendo maus, ainda conseguem realizar esses bens àqueles que vocês amam, vejam a profundidade do enraizamento do mal na natureza de vocês; porque vocês são capazes de realizar algumas coisas boas, mas isso acontece num estado de simultaneidade com uma latência egótica, com um pulsar egocêntrico presente aí, de dia e de noite. Eu sou o centro de todas as coisas; o melhor de nós ainda é egoísta, o mais generoso de nós ainda tem seu eixo de egoísmo bem plantado, tem seu espigão egótico bem fincado e enraizado no ser - todos nós. Nós somos maus, ninguém se engane com o positivismo das nossas virtudes, porque elas não resistem a muitas coisas; e se resistem na exterioridade, nunca resistem na subjetividade; na subjetividade a gente concebe o mal, a gente pensa o mal, a gente imagina o mal, a gente fantasia o mal, a gente se enraivece para o mal – tudo isso está manifesto dentro de nós, só um ser absolutamente autoenganado não tem a coragem dessa admissão completamente óbvia. Porém, o diabo existe, além de nós. O que torna tudo muito mais complicado, porque além de mim mesmo ainda há essa tentativa de me estimular, de me emular, de me provocar, de me tentar, de me induzir, de aumentar, de exacerbar, de potencializar, de gerar uma superlativização daquilo que em mim apareça e, de repente, pode ser emulado e se tornar algo muito mais intensamente forte, ou seja, aquela pulsão é minha, mas se conjugalizou com uma outra força, com uma outra ideia, com alguns potenciais que

foram agregados a tal pulsão. Eu sou mau, estou cercado por forças espirituais do mal, e sou membro de uma comunidade, de uma civilização (a civilização humana) que na realidade constrói, desde sempre, um sistema ao qual nós designamos pelo nome de mundo, e que jaz no maligno. E o que esse sistema nos oferece, nos outdoors da existência, nas propagandas visíveis e invisíveis, explícitas e subliminares, nas falas, nas conversas, nas propagandas, nos anúncios, nas induções e nos mecanismos de troca, no sistema, na filosofia; embutido em tudo, pervadindo tudo, as categorias com as quais o mundo trabalha são essas da concupiscência da carne. Propaganda é estímulo à concupiscência da carne, à concupiscência dos olhos, à soberba da vida. O mercado é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, soberba da vida. Política é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, soberba da vida. Em que você quiser pensar, em qualquer dimensão que você queira, da ciência física à ação de recolher lixo para jogar num caminhão, em dimensões e âmbitos diferentes, de acordo com o espectro e o escopo do mundo de cada um, presente está a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos, a soberba da vida. E se você disser: “mas há um mendigo ali na esquina que não está alimentado por nenhuma das três coisas, pois desistiu de tudo”, o que habita, muitas vezes, o coração dele, é a covardia que o fez desistir de tudo. De tudo o quê? Da concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos, da soberba da vida. Mas se dessem a ele de graça, era tudo o que ele queria. O mundo trabalha com o embutimento de uma produção sistêmica que se encaixa com o nosso desejo. É o nosso desejo que projeta essa cenografia que nos é oferecida como satisfação do nosso desejo e é objeto de

uma intervenção sutil, constante, presente; onde minha carne – que pela minha natureza já é emulada nessa direção – é estimulada pelo sistema que eu e todos nós, juntos, criamos, e é mais potencializada ainda por essa intervenção de natureza espiritual; como disse Paulo: pelas forças mediúnicas do mal nas regiões celestiais, pelas forças pneumáticas, pelas forças invisíveis, pelo vento da indução, que é espírito, que são espíritos agindo em nós, nos estimulando nessa direção, falando de maneira a segredar-nos tão sutilmente que nós muitas vezes confundimos tais segredos com as vozes do nosso próprio pensamento, tamanha é a sutileza desse junto e misturado.

Aí, vem o texto que nós lemos no início e que coloca Jesus nesse ambiente de tentação. E para que tenha sido uma tentação verdadeira, para que não tenha sido um holograma, um faz de conta de tentação, tem de ser como o escritor de Hebreus nos diz: que ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Todas as implicações, todos os tremores, tudo aquilo que em você salta, que em mim pulula quando a tentação se instala como um desejo que pede para ser consumado, tudo estava presente em Jesus. No entanto, nos é dito que ele enfrentou. Enfrentou e enfrentou.

E agora, voltando exatamente para o ponto onde comecei, quando eu disse que o diabo existe e o mal se pessoaliza nele, eu continuo: Jesus teve esse encaramento com todas as dimensões dessa perspectiva que viaja desde o desejo da carne até aos sistemas de autovalorização, de autointerpretação do mundo – baseado nas mesmas coisas – e à indução do diabo reforçando aquilo como se fosse um direito nosso fazer daquele jeito proposto. Essa é

sempre a tentação: “é seu direito, é seu poder; você pode, então faça; você alcança, então pegue; está disponível, então leve”. Nós sabemos como é isso. E em Jesus isso esteve presente. E ele teve essa ação intensa do mal. Pois não nos enganemos: todos os dias são dias de tentação, de um modo ou de outro; mas existem estações densas de tentação na vida da gente, existem aqueles momentos em que, à semelhança de um tornado, de uma tempestade, de um tufão, a tentação vem intensa como uma estação e abraça a totalidade da nossa vida. Eu não sei se você já enfrentou dias como esses, mas eu já os tive aos milhares, na minha existência: estações. Exatamente como se descreve que aconteceu com Jesus. Mas ele resistiu.

Tentação não está aí para ser atendida, ela está aí para ser vencida – embora tudo em nós nos diga que quando uma tentação nos chega é para a gente nem resistir, porque ela é irresistível. Tamanho é o nosso conluio com a tentação, tamanho é o nosso banditismo inconsciente com ela, tamanho é o nosso aquadrilhamento com a proposta da tentação, que a gente mobiliza todas as justificativas do nosso ser para dizer: “eu sei que não é legal, mas o que eu posso fazer? Está para além de mim, eu não sou de ferro, afinal de contas eu não sou Jesus”. É o que a maioria diz para si mesmo antes de embarcar de vez na tentação. No entanto, Jesus resistiu a ela; e nos disse que o caminho para vencê-la é resistir a ela. E também o apóstolo Tiago, irmão consanguíneo de Jesus, nos garante isso, quando afirma: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”. Resistam ao diabo – é o que ele está dizendo – e ele fugirá de vocês. Enfrentem, não arredem o pé, não digam: é irresistível; porque nesse caso já terá se tornado irresistível, pelo desejo de que irresistível seja. Creiam que Deus não

permitiu que nos assolasse nenhuma tentação que não fosse humana, mas, pelo contrário, juntamente com a tentação Deus nos provê livramento, de sorte que a possamos suportar. Sempre. Por isso, dizer: foi uma tentação sobre-humana, é dizer o que não existe. Se fosse sobre-humana não seria uma tentação. Não seria uma tentação, se não fosse humana. Entenda isso de uma vez por todas: nós só somos tentados pelo que é humano. Alguém de vocês tem vontade de comer fezes? Você tem que relutar contra a vontade de pegar uma porção de fezes e comer? Mas assista a qualquer documentário sobre gorilas e veja como eles adoram pegar as próprias fezes e comer: cheiram, põem na boca... Para eles é uma delícia! Aquilo não é algo humano, mas para gorilas é uma tentação. Se você disser ao gorila: Não coma cocô, ele diria, se pudesse: Não, não faça isso comigo, eu sinto uma vontade "supragorilal" de comer cocô! É o que ele diria se pensasse como nós, que dizemos: Foi sobre-humano! Mas não, eu não sou tentado por tentação de beija-flor, nem de golfinho, nem de urso, e, provavelmente, nem por tentação de anjo. Mas eu sou tentado pela minha tentação: humana. De modo que não existe a tentação sobre-humana, só existe a tentação humana. A tentação sub-humana não tenta humano nenhum, e a sobre-humana não é alcançada por humano nenhum; só existe a tentação humana.

E quando chega o dia em que as circunstâncias são de carência e a gente carrega na carne o desejo, a fome, a necessidade, o apelo psicológico de atendermos àquela necessidade, ou, até, a tendência de atendermos pela via de uma pseudo elevação espiritual (por uma via que segundo a nossa perspectiva é de elevação espiritual); quando chega esse dia ele nunca vem sem a corroboração da ação

maligna, dessa intervenção na existência da gente. E, aí, muitas vezes cria-se uma camada, gera-se uma estação, produz-se um período. Parece que a gente entrou numa câmara dimensional de fusão múltipla daquilo que brota de dentro da gente com aquilo que se circunstancializa à nossa volta, e mais aquilo que tenta nos penetrar como ação de indução na mente: o diabo – como uma designação ampla para todo tipo dessas intervenções do mundo espiritual, das regiões celestes em estado de rebelião contra Deus e, no nosso caso, contra nossa existência. E a gente entra num dia mau. E a única maneira de enfrentar isso é com a simplicidade do resistir: Arreda, Satanás! Não tentarás ao Senhor teu Deus. Nem só do imediato viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.

Se eu não tiver em mim essa decisão de não dialogar, de não discutir, de não processar, de não elaborar, de não refletir sobre a minha tentação, se eu não tiver já formada em mim essa decisão que garanta a mim mesmo que todo diálogo com tentação implicará sedução, que toda relacionalidade com tentação acarretará minha corrupção, que toda e qualquer tolerância com tentação trará a minha dissolvência de poder de enfrentá-la; se eu não tiver isso em mente, eu já entro vencido em todas as batalhas. Tentação, a gente tem que resistir. Resistir, mesmo. Na hora parece que a gente está renunciando à própria vida, você já não teve essa impressão? Porque na hora em que você diz não à tentação, você pensa: "Eu sou o otário cósmico! Nunca mais isso voltará... Pega, pega, pega! Já são quarenta e oito do segundo tempo, eu estou jogando há três minutos na prorrogação, vai acabar agora, chuta!". É sempre uma urgência, é um final de copa, é sempre algo que se você não

fizer não volta mais! Mesmo que você saiba que voltará por meio de outras oportunidades, cada uma delas parece ser completamente irresistível.

Então, para enfrentar e vencer, basta a gente ter essa decisão de resistir. De dizer: Não. Resistir. E esse é um poder maravilhoso. Você já imaginou a graça desse poder que nos está sendo franqueado e dado? Você resiste! Não precisa sair com água benta, não precisa ter um crucifixo, não precisa ter um santo graal para sair por aí dizendo: eu sou Percival de Deus, eu sou o cavaleiro templário do espírito do evangelho! Não, apenas resista. É uma questão de um poder extraordinário que Deus colocou no nosso coração: enfrentar o diabo com um não. E eu quero lhe dizer uma coisa: o diabo deseja que a gente perca tempo com água benta, com correntes universais, com trezentos e dezoito, com carnê do baú da expulsão satânica, ou sei lá o quê. Ele só não quer que a gente aprenda a dizer: Não; não, diabo. Não tentarás ao Senhor teu Deus, diabo. Tu não estás me tentando, tu estás tentando ao teu Deus em mim, para ver se eu tento a Deus por ti, de novo. Não. Simplesmente, assim: Não.

É incomensurável o poder que essa decisão do exercício da nossa liberdade consciente em favor da vida carrega; dizendo “não!” à morte, “sim!” ao caminho de Deus, e botando o diabo para sair da redondeza. O diabo não suporta um não definitivo. Ele está no mínimo procurando pela possibilidade de que a gente diga: agora não; agora não, hoje eu estou de mau-humor, não faço isso nem tentado! Mas ele não suporta um não” da gente. Quando a gente toma a compreensão e a consciência do significado poderoso desse “não” interior, dessa decisão de quem vira e vai, e

não para, e não ouve, e não acha que está perdendo nada; de quem tomou a decisão e diz: por que estaria eu perdendo alguma coisa, se eu estou dizendo não à morte e sim à vida? E segue. Quando essa consciência, quando o poder definitivo dessa simplicidade nos é revelado e nós somos iluminados pelo poder dessa compreensão, a gente começa a ver que basta dizer não e muitas coisas que pareciam ser de um volume absolutamente extraordinário aos nossos sentidos, de súbito são reduzidas a significações quase inexistentes – quando a gente diz: Não! Aí, o diabo nos deixa. E aqui se diz que, semelhantemente ao que aconteceu com Jesus, vêm os anjos e nos servem. Somos servidos por anjos.

A nossa existência está o tempo todo entre esses dois ambientes: tentados pelo diabo ou servidos por anjos. E a gente tem de decidir o que a gente quer que a nossa vida seja. Tentação cedida, concedida, acolhida gera um volume poderoso de caída, de escorregão, conforme a imagem do salmo que diz: “um abismo chama outro abismo” – e assim vamos nós. Cria uma sinergia negativa, perversa, mas crescente, retroalimentante: nós fazemos concessões e teremos que fazer todas; e ir fazendo, ir fazendo e nos fragilizando, e tentando nos justificar para diminuir as implicações na nossa consciência como peso. Por outro lado, se a gente diz não, a gente vai caminhando num processo de fortalecimento do interior, e vai ficando cada vez mais simples dizer não, vai ficando cada vez mais espaçado esse tempo e essa estação de tentativa de retorno. Os retornos sempre existem, mas vão ficando cada vez mais espaçados, cada vez mais distantes, cada vez menos opressivos se a gente vai, um dia depois do outro, escolhendo dizer sim para aquela que seja

a vontade de Deus como vida em nós, e dizer não e resistir ao diabo, para que ele fuja de nós. E a gente vai descobrindo que essa simplicidade, que nos foi dada como graça, tem um poder extraordinário; e que o exercício dela traz para a nossa vida aquelas estações de refrigério, quando vêm os anjos e nos servem.

O que eu vejo, no entanto, é a maioria das pessoas acoçadas, o tempo todo, pelo diabo; e vejo muito pouca gente sendo servida por anjos. E isso é uma pena. É uma pena que a gente não escolha o conforto, é uma pena que a gente não escolha o que é bom, é uma pena que não tomemos a decisão que constrói e que nos coloca no lugar do guarnecimento, do amparo, e dessas ações espirituais todas em nosso favor. É uma pena que a gente namore tanto, que a gente chegue a dar alguns apertos, e que a gente até aventure algumas ficadas com o diabo, ao invés de fazermos a escolha definitiva de dizer não, tantas vezes quantas sejam necessárias. Porque aí, os anjos vêm e nos servem. E a gente ainda fica querendo saber por que as estações às vezes são tão negativas e vão se tornando tão cronicamente perversas. É porque nós nunca desenvolvemos a consciência que nos acentua esse poder que simplesmente resiste ao diabo e faz com que ele fuja de nós.

Tudo o que eu disse aqui foi apenas preparação para este momento de tomar a ceia. Porque eu quero que você tome a ceia de quem diz para Jesus: Senhor, eu direi não a Satanás na minha vida, às sutilezas que vêm como concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida, animadas por uma persuasão satânica, em mim. E eu quero exercer o meu privilégio de ser humano, eu quero usufruir a graça da minha vontade, do meu

livre arbítrio. Contra a minha carne, contra o mundo e contra o diabo existo eu em ti; e eu digo não a essas coisas. Eu quero te agradecer pela possibilidade de viver com uma consciência boa diante de ti e diante dos homens, sem me deixar enganar ou antoengamar pela impressão de que a tentação é sempre absolutamente irresistível; porque nenhuma delas o é, nunca o foi nem o será. E eu quero pedir que tu me faças ver o poder extraordinário que existe no exercício simples das decisões que eu tomo pela vida, dizendo: Não! Arreda, Satanás; não tentarás ao Senhor teu Deus, e nem me colocarás em rota de tentação contra a bondade de Deus. Arreda-te.

E, assim, virão os anjos e nos servirão. Eu queria que esta fosse uma ceia na qual nós fôssemos, pela fé, servidos por anjos. Mas primeiro tome a decisão de dizer não ao mal, no seu coração, na sua mente. Você está todo livre do mal? Está para além da tentação? O lugar da tentação mais horrorosa é o existir para além da tentação – quando é assim, a pessoa já se foi e não se percebeu.

“Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal”. E a palavra de Deus para nós é: Resista ao diabo e ele fugirá de você. Em nome de Jesus.

Quem crer provará. Quem não crer provará o que não deseja. Creia, enfrente, decida. Use a sua liberdade em fé e em consciência, para não se entregar a nenhuma forma de escravidão maligna, perversa, maldosa – nem na sua vida, nem no seu coração; nem nos ambientes interiores, nem nas manifestações exteriores da sua vida. Aprenda a simplesmente resistir, e ele fugirá de você; deixá-lo-á o diabo e virão os anjos e lhe servirão. Em nome de Jesus.

Mensagem ministrada em 05/08/2012  
Estação do Caminho - DF